Sobre pérolas, letras e felicidade

2ª edição

Mikaela Roberto

Seropédica, RJ

© 2020 - *by* Mikaela Roberto

Missão ASA
Projeto *Livros que saram*
Estrada da Costaneira da Prata, 1101, casa 3, RJ.

Este e-book é uma segunda edição do livro impresso pela editora Multifoco em 2015.
(ISBN do livro original: 978-85-8473-417-7).

ISBN: 978-65-00-02696-2

É proibida a reprodução total ou parcial sem a permissão da autora.
Contato: contato@mikaelaroberto.com

Dedico este livro a Rubem Alves, in memoriam.

Prefácio

Estamos em 2020, em plena epidemia e isolamento social, em que os dias arrastam-se sob dúvida e inquietude, e neste cenário, recebo o grato convite da minha querida amiga Mikaela Roberto para escrever este prefácio para o lançamento virtual (a única forma sensata destes tempos) daquela que foi sua primeira aventura literária, anos atrás, sem que fosse produto de pesquisas ou teses acadêmicas. Um livro que versa sobre o ato de escrever e suas implicações reflexivas.

Curioso foi tal convite, pois sempre comparei o verbo "escrever" com *entregar-se* ou *revelar-se*, *deixar pistas*. Por esse motivo vejo que adentrar nesse universo é um ato corajoso, acima de tudo, seja essa escrita a de um romance inteiro ou mesmo a de um prefácio.

Se os outros escritos de MiKaela aderem-se a um estado de espírito ora

voltado à fé, ora voltado à sua profissão, este livro, de certa forma, trata do seu olhar particular a acontecimentos de sua vida, com a análise histórica dos seus passos e descobertas; com vitalidade, ternura e esperança que certamente brotavam das letras enquanto recordava momentos cotidianos. Enquanto, para os mais distraídos, a contemplação do tempo seria dissolvida na memória, Mikaela Roberto, longe disso, nos traz detalhes, desde o simples mastigar de macarrão aos encontros com seus autores preferidos, num texto repleto de atenção, poesia e amor.

Recomendo a leitura a todas as pessoas que sabem que a marcha humana é sempre surpreendente e inovadora. Cada um marca a sua história de uma forma ou de outra, mas poucos acreditam no valor de registrá-la. Este livro é um convite a lembrarmos de que a palavra orienta, de que a vida é muito mais do que uma simples passagem terrena, que escrever é perceber-se e de que procu-

rar reflexões do universo ao redor, a partir de si, fatalmente nos abre horizontes de possibilidades e de originais emancipações.

Para Mikaela, livros são catedrais. Letras são pérolas. E a felicidade deve ser compartilhada com a excelência dos arquitetos e a delicadeza dos ourives.

Bruno Kohl

Sobre escrever

O desejo de escrever é como pedra no rim. Ou você expele, ou vai doer. Mas o preço do remédio, o medo da cirurgia também doem. O ciberespaço, então, é quase um chá, que ameniza a dor do engavetamento. Por vezes, porém, tem quase efeito paliativo, dada a sensação de efemeridade que nos provoca. Criamos um espaço virtual, escrevemos meia dúzia de palavras e "salvamos". Se não divulgarmos esse espaço ou se simplesmente nos esquecermos de voltar lá... é como se fossem palavras ao vento, perdidas, dissolvidas no ar. Letras de macarrão.

As palavras na rede não passam de letras de macarrão. De uma solidez fragilizada, as mesmas letras de Chico que fazem "poema concreto" desintegram-se, liquefazem-se, evo-lam-se na tela do computador, perdendo-se nas galáxias de sites, blogs, e-books, fóruns, chats e tantos outros ciberburacos negros do espaço virtual.

Se analisarmos bem, constataremos que – tal como o ciberuniverso com suas inúmeras constelações de brilho lívido, quasares distantes e corpos que gravitam a esmo – a tinta no papel também possui sua efemeridade. Basta encontrarmos no fundo da gaveta aquelas linhas escritas há anos, tantos que fica difícil crer que sejam de fato nossas, tamanha a transformação que os anos nos trouxeram. Pior, basta jamais reencontrarmos as linhas escritas e eternizadas num papel, que para no lixo sem que ninguém o tenha lido. O mesmo papel que eterniza é o que se dissolve, inchado pela água e reduzido a papa, qual letra de macarrão.

Aprendemos a temer as letras. Ensinaram-nos a escrever com uma responsabilidade cerceadora, que nos tolhe, nos inibe, nos assusta. Diferentemente da fala, a escrita registra, captura. *"Escrever não é assim!"* É preciso dominar a técnica, saber as regras, adquirir habilidades... como se o ritual de passagem que nos permitisse o prazer da escrita sem culpa nos obrigasse a beber esse conhecimento vertido da boca de gárgulas que – ao mesmo tempo

que nos matam a sede – nos amedrontam com pleonasmos viciosos, cacófatos, silepses e anacolutos. Então, deparamo-nos com aquelas letras dançando bem ali a nosso alcance, na colher da sopa, quase que implorando nossa intervenção salvadora... e o que fazemos? Engolimo-las, como quem engole o choro, prende o grito, evita o soco.

"Com comida não se brinca, mocinha! Toma logo essa sopa!" Não é difícil compreender a relevância da sopa. Ela acalenta. Ela aquece. Ela nutre. Uma criança sabe disso, mesmo que não admita. Diante de tão nobres objetivos, torna-se compreensível o desconforto causado pelo desejo quase incontrolável de roubar um punhado de aletria, salvando as pobres letrinhas de seu honroso destino. Como explicar o prazer de espalhar pelo chão as futuras palavrinhas de macarrão e areia? Como justificar o deleite de destruir um L, arrancando-lhe um pedacinho, por não encontrar um i que preencha a penúltima sílaba? Seria assim tão horrível quanto riscar um livro? E o que dizer, então, da irresistível satisfação de triturar aqueles minúsculos simbolozinhos entre os dentes (e os

possíveis grãos de areia), enquanto a próxima palavra a ser formada é escolhida? Quanto desperdício de possibilidades naquele pacote trancafiado no armário! Quantas palavras destinadas a virar mingau...

É instigante pensar na natureza contraditória do macarrão de letra. Enquanto mantém sua consistência, permite que brinquemos com ele; e só quando se fragiliza é que nos sustenta. Seu caráter mutante, sua natureza dual, sua característica de pão e circo... Se minhas palavras serão alimento ou se apenas letras soltas no chão; se eternizadas ou efêmeras; se levadas a sério ou não... pouco importa. Importa que eu possa escrevê-las sem medo, sem culpa, sem o peso da responsabilidade a me travar dedos e língua. Importa que me saciem a fome, mas que me seja permitido um punhado delas pra brincar. Se algumas ficarão perdidas pelo caminho, acabarão moídas ou engolidas, não importa... desde que não me fiquem presas na garganta!

Capítulo I

Sobre quando consegui escrever

"Mãe, nem acreditas! Finalmente tô escrevendo um livro."

Sorriso na orelha, tom de suspense, expectativa na voz e olhos acentuadamente abertos, enquanto o corpo brinca de estátua, naquela espera típica e ansiosa por uma resposta entusiasmada.

"Ué, mas tu já não escreveu, minha filha?"

"Ah, mãe. Livro didático, tese, artigo... isso não conta."

"Haã, tá! E sobre o que é?" Tom de diálogo convencional, em que o interlocutor mostra-se amigavelmente solidário e na obrigação de fazer qualquer pergunta a respeito do tema, para parecer interessado.

"Ainda não sei (queda brusca da entonação e do volume da voz)... por enquanto tô só falando a respeito de finalmente conseguir escrever..."

"E quem é que vai querer ler isso?"

Era realmente muito curioso o fato de aquele desbloqueio vir associado a uma total ausência de tema ou roteiro. Vai explicar? Perdi as contas de quantas ideias geniais eu já tinha registrado para desenvolver contos, romances, crônicas, etc.

Ideias, ideias, ideias. Eu sempre tive muitas ideias.

Nenhuma deu em nada mais que uns poucos rabiscos no papel ou alguns contos engavetados em arquivos ultrassecretos. E, de repente, lá estava eu, sem elas. Sequer tinham aparecido em meu auxílio... justo elas, sempre tão espontâneas e inconvenientes. De qualquer forma, se criar roteiros, ter ótimos temas e fazer planos nunca tinha me levado a nada, talvez estar à deriva me levasse a algum porto seguro.

Para além das muitas ideias que eu costumava ter (e que nunca vingaram, já que o bloqueio para escrever não me deixava sair do esquema para iniciar o rascunho), a vida tinha me presenteado com algumas experiências dignas de registro. Claro que, contando assim, soa banal.

Todo mundo passa por situações que merecem virar livro, filme ou canção. Não estou querendo ser diferente de ninguém, ainda que, por muito tempo, tenha acreditado ser, mas falo disso daqui a pouco. A questão é que virou moda escrever autobiografia e, com a facilidade existente hoje para a publicação de qualquer bobagem, mesmo histórias de vida sem tempero viram livro. E, confesso, esse é um dos motivos que me encoraja, hoje, a escrever, agora que a autocensura não se mostra mais minha inimiga.

Quanto à minha vida, passava longe de não ter sabor. Eu mesma não conhecia ninguém com tantas histórias surreais pra contar. Não pretendia, entretanto, abrir toda a minha vida num só livro... nenhum leitor se atreveria a ler tantas páginas sobre uma única pessoa. Além do mais, seria por demais polêmico e eu sequer era uma celebridade para querer "causar" tanto num único livro. Melhor ir aos pouquinhos, em doses homeopáticas... para acostumar o leitor. Talvez primeiro eu precisasse escrever sobre algo que não tivesse nada a ver comigo...

Bobagem!

Talvez eu temesse a exposição...

Besteira, também! Talvez só não fosse ainda a hora. Tudo tem seu tempo debaixo do Sol, certo? E eu não planejava parar no primeiro livro, por pior que fosse sua repercussão.

Carla Bruni, cantora e compositora italiana radicada na França, com sucesso meteórico no meio musical após ser uma conceituada modelo (mas que ficou conhecida mesmo no mundo inteiro ao se casar com o presidente Sarkozy e virar a respeitada primeira dama francesa), em entrevista a um programa brasileiro de televisão, numa visita ao Brasil, falou algo que nunca mais esqueci. Ao ser questionada a respeito do sucesso de vendas de seu primeiro CD, dizia ela em sua elegante simplicidade que, na vida, temos por volta de cinquenta pessoas realmente especiais e que, portanto, qualquer CD que vendesse mais de cinquenta exemplares era em si um milagre.

Certamente, em uma sociedade que crê que o sucesso está acima de tudo, muitos devem ter achado aquele comentário um consolo ridículo para fracassados. Ela, porém, estava longe de ser um fracasso e parecia acreditar verda-

deiramente na força do que afirmava. A mim, ao menos, ela tinha conseguido convencer do milagre do que dizia. Aquilo me suscitou muita reflexão, fazendo-me resgatar na memória uma ocasião, anos antes, em que, morando no Rio de Janeiro, organizei, meio a toque de caixa, um show em minha cidade natal. Há tempos eu não cantava por conta da vida atribulada, e estar no Rio de Janeiro representava um retorno ao universo musical (mas, sobre essa fase da minha vida, definitivamente não cabe falar neste livro).

Tendo conhecido um violonista, resolvi fazer uma apresentação simples, com voz e violão, na qual eu pudesse mostrar a alguns amigos que gostavam do meu trabalho (e que não me viam cantar há bastante tempo) o que a maravilhosa cidade carioca estava fazendo comigo, nos dois ou três meses em que lá estava, já que estaria em visita a Itajaí, minha cidade natal.

Ansiosa, sem ter conseguido divulgar o evento e contando com o apoio de dois amigos e de meu irmão na organização, encarei o desafio, torcendo para que conseguíssemos ao menos vender um número de ingressos que cobrisse a

passagem do músico. Aquele seria o primeiro de dois shows. O segundo, promovido pela Fundação Cultural da cidade, teria público, com cachê garantido, mas o primeiro seria risco total (e quase certo, já que não havia tido divulgação alguma).

Por sorte, conseguimos mobilizar alguns amigos e parentes, que valentemente se fizeram presentes para nos prestigiar. E, mais tarde, vendo as fotos, carinhosamente tiradas por uma amiga, que registrou todos os presentes, feito festa de casamento, qual não foi minha surpresa ao ver que, numa das mesas, perto do palco, sozinho, havia um moço que ninguém conhecia ou sabia explicar como tinha parado ali.

A verdade é que pouco importa quantas pessoas vão ler ou ouvir o que temos a dizer quando realmente o que nos interessa é dizer, tão somente. Geralmente queremos compartilhar essa fala com quem amamos, o que já nos basta. Mas, se alguém que não nos conhece se interessa por nos ouvir (ou ler), mesmo que seja uma única pessoa... ah, então temos, de fato, um milagre. Aquele rapaz misterioso no show

era o meu milagre. Carla Bruni tinha razão. O que ela falou mexeu, de alguma forma, comigo, como uma gota que, somada a outras, trará futuramente consequências ao copo que se vai, aos poucos, tornando pleno.

A gota que representa o excesso é apenas o zênite de uma situação em que várias outras foram necessárias até se chegar àquele ponto. Agora, distante, vejo que comigo ocorreu o mesmo. Só consegui finalmente começar a escrever porque estava prestes a transbordar e, sem dúvida, o milagre de Carla Bruni foi uma das gotas. Eu não saberia dizer a que altura ela havia se somado àquele ímpeto que se avolumava dentro de mim, mas certamente eu não havia me vertido assim de repente.

Então, apostando no milagre de ao menos um desconhecido poder interessar-se em ler o que eu escrevia, pus-me a escrever, assim sem planos, sem medos, sem expectativas, sem ao menos saber aonde ia chegar com tudo aquilo. Eu só sabia de uma coisa: eu chegaria *lá*! Mas é preciso que eu explique como tudo isso começou...

Em breve, a 3ª edição deste livro estará disponível.